

## INDICADORES DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE AGRICULTORES ORGÂNICO-FAMILIARES REASSENTADOS NA GRANDE SÃO LUÍS

Bianca Silva Almeida<sup>1,2</sup>

Nicolas Eyck Van Dyck Araújo de Oliveira<sup>2</sup>

Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa<sup>3</sup>

Carlos Eduardo Queiroz Pessoa<sup>4</sup>

Polyana Carvalho dos Anjos<sup>2</sup>

### RESUMO

Cenário de profundas transformações socioeconômicas na contemporaneidade, catalisadas pelo ágil deslocamento da fronteira agrícola e pela integração da tecnologia ao empreendimento da força humana de trabalho, o espaço rural e seus atores sociais ainda protagonizam ínfima quantidade de estudos em Psicologia. O quórum de conhecimentos produzidos reduz-se ainda mais quando se propõe o enquadramento do trabalhador vinculado à Agricultura Orgânica Familiar – AOF – como protagonista.

Essa prática, que leva em consideração a adesão ao manejo da produção livre de aditivos químico-sinestésicos que modifiquem sua essência natural aliada ao empreendimento da mão de obra compartilhada entre o núcleo familiar, representa uma realidade embotada pela revolução tecnológica, assim como muitas vezes negligenciada pelas políticas públicas de inclusão socioeconômica. O presente artigo versa sobre a população de trabalhadores incluídos no Programa de Reassentamento da Vila Madureira, os quais foram removidos de sua comunidade de origem há dez anos, na região do Itaqui-Bacanga, e reassentados à Vila Nova Canaã, na região da Pindoba, ambas na Grande São Luís, tendo sido iniciados à AOF em pólo agrícola estabelecido nas imediações de suas novas residências.

Realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Qualidade de Vida, Trabalho e Saúde da Universidade Federal do Maranhão – GEPQVTS/UFMA –, a presente investigação, ainda em curso, tem por principais objetivos analisar a percepção dos referidos trabalhadores acerca de sua Qualidade de Vida no Trabalho – QVT – e averiguar possíveis correlações entre o manejo orgânico e o incremento ou desagregação desse constructo, além de perfazer uma caracterização sociodemográfica e de organização do trabalho. Para tanto, tem-se utilizado metodologia qualitativa, a partir de observação participante e aplicação de questionários semiestruturados de avaliação da QVT adaptados do WHOQOL – World Health Organization for Quality of Life Instrument.

Resultados preliminares sugerem que, dentre as 95 famílias reassentadas, somente 18 mantêm adesão ao programa; nenhum dos entrevistados usufrui dos proventos da AOF como única fonte de renda e há altos índices de insatisfação quanto à valorização do trabalho. Também se nota a característica ergonômica da atividade como prejudicial à saúde, sinalizada por relatos unânimes de dores e desconforto; por outro lado, o discurso

<sup>1</sup> bia.almeida.silva18@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduandos em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão;

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – PPGPSI/UFMA;

<sup>4</sup> Mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal de Campina Grande, docente da Universidade Estadual do Maranhão.

De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA

dos entrevistados revela níveis de prazer e satisfação quando em referência à atividade e à vida no campo.

Os dados obtidos até a presente etapa sinalizam, portanto, que, apesar de ser um trabalho dotado de sentido e significado prazerosos para a amostra estudada, carece de planejamento e demanda a viabilidade do engajamento familiar. Ainda, a má remuneração e as condições desfavoráveis de desenvolvimento ao aproveitamento máximo das atividades as tornam pouco atrativas às novas gerações.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a Psicologia se constitui como uma ciência do meio urbano – apreende, conceitualiza e intervém em situações problema estabelecidas nas cidades. O interesse pelas demandas do contexto rural muito raramente se apresenta, e quando o faz, é geralmente vinculado à especialidade da Psicologia Social Comunitária, tangendo em restrita medida as questões relacionadas ao trabalho – completamente relegadas ao domínio da Sociologia, como se não carecessem de atenção dos psicólogos (LEITE et al., 2013).

Aos atores sociais a que nos referimos, Scopinho (2017) sinaliza que há intensa heterogeneidade de composição, ao passo em que há aqueles que desenvolvem suas atividades em grandes organizações de produção, de agricultura e pecuária tecnificadas, voltadas para grandes mercados, internos e externos; mas também há produtores de médio e pequeno porte, como no caso dos agricultores familiares de produção estritamente vinculada à subsistência.

Se por um lado é possível notar especializações dos mais variados campos científicos em torno do projeto de compreensão contextual do trabalhador rural – representadas pela Economia Rural, Sociologia do Campo, Antropologia Rural e tantas outras –, a referida negligência da Psicologia caracteriza a subjetividade do homem rural como um “campo do silêncio”:

[...] com a metáfora “campo de silêncio”, quero indicar a privação a respeito de algo que, se problematizado, poderia provocar reflexões e atitudes nas pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Quero com ela indicar, também, a existência de um “silêncio”, imposto mas não “respeitado”, sobre algo que incomoda, que provoca conflitos e contestação. É um “calar” sobre algo que se faz presente, pedindo para ser problematizado e trabalhado. É um campo de silêncio porque está ausente no currículo formal e não é problematizado no currículo em ação como um conhecimento digno de ser trabalhado no Curso (PARAÍSO, 1996, p. 138).

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

Uma das práticas no meio rural que caracterizam um grupo de trabalhadores em espaço homogêneo e que carece de estudos psicológicos é a Agricultura Orgânica Familiar – AOF. A AOF é o sistema de produção que une a atividade agrícola orgânica à familiar e, portanto, se baseia na conservação dos recursos naturais, preservação do ambiente e também da qualidade de vida do agricultor, dispensando o uso de agrotóxicos, hormônios, fertilizantes e quaisquer outros aditivos químico-sinestésicos que modifiquem a essência natural do produto (SOUSA; CAJÚ; OLIVEIRA, 2016). É desenvolvida pelo agricultor e sua respectiva família no próprio ambiente em que residem, sendo esta atividade a principal fonte de renda do grupo familiar (BRASIL, 2006).

Almejando à contribuição com o provimento de dados científicos em Psicologia a respeito da população vinculada à AOF, a presente pesquisa debruçou-se sobre as repercussões das particularidades desse sistema de produção sobre a qualidade de vida de trabalhadores reassentados e iniciados à prática. Compreende-se que pesquisas exploratórias como a presente corroboram com o desenvolvimento de políticas públicas especializadas e permitem a visibilidade dos atores sociais envolvidos.

Para alcançar tais resultados, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratório descritiva com abordagem qualitativa, onde, por meio de questionário e entrevista semiestruturada, coletou-se os dados que tornaram possível chegar aos resultados a ser apresentados. O desenvolvimento do presente empreendimento científico ocorreu no seio do Grupo de Estudos e Pesquisa em Qualidade de Vida, Trabalho e Saúde – GEPQVTS/UFMA, entre os anos de 2018 e 2019.

## **2 DA AGRICULTURA ORGÂNICA FAMILIAR**

Após o período da Segunda Guerra, o sistema agrícola vigente e o modelo de desenvolvimento rural entraram em declínio por conta da degradação dos recursos naturais, bem como do desgaste à saúde do agricultor (PESSOA; ALCHIERI, 2013). A Revolução Verde surgiu, então, como uma alternativa para agilizar os processos agrícolas por meio do uso de “[...] sementes modificadas e maquinários, insumos químicos e novas tecnologias em todas as fases da produção (plantio, colheita e processamento).” (CANDIOTTO; MEIRA, 2014, p, 150). Este modelo tornou possível a expansão das relações capitalistas no ramo da agricultura mundialmente, por sua busca pelo aumento da produtividade e dos lucros (CANDIOTTO; MEIRA, 2014).

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

O objetivo era também tentar amenizar a situação da fome em que muitos países se encontravam após a Guerra; no entanto, em algum tempo perceberam-se as consequências prejudiciais da Revolução Verde, tais quais o desfavorecimento aos pequenos produtores – pois passou-se a priorizar mais o latifúndio em detrimento da agricultura familiar – agressão aos recursos naturais, desmatamento e a não resolução da problemática da fome.

A percepção da sociedade sobre as consequências maléficas da Revolução Verde fortaleceu-se a partir da própria evolução teórico-conceitual do ambientalismo, que questiona o modelo produtivista e economicista vigente, indicando a necessidade de transformações sociais profundas, que modifiquem a relação sociedade-natureza. Entre essas mudanças, está a busca por uma relação mais harmônica entre a produção de alimentos e a conservação ambiental, surgindo formas alternativas de agricultura, como a agricultura orgânica, [...] entre outras (CANDIOTTO; MEIRA, 2014, p. 150).

Modela-se, a partir de então, o ideário de uma agricultura livre dos químicos-sinestésicos, que não solucionam os problemas em voga. O objetivo da prática agrícola de caráter sustentável é assegurar a satisfação das necessidades humanas agora e no futuro, por meio de uma reorientação tecnológica e de um manejo que vise a conservação dos recursos naturais (FAO, 2017 apud EMPRAPA, 2018).

A Agricultura Orgânica trata-se de uma prática que prima pela qualidade tanto dos alimentos como do solo e, ainda, traz vantagens à qualidade de vida do produtor, por meio da não utilização de agrotóxicos e demais insumos químicos, conservação dos recursos naturais propiciando a manutenção da renda do agricultor (PESSOA; ALCHIERI, 2013).

Já quanto a característica familiar da referida prática, de acordo com o artigo 3º da Lei 11.326/2006, agricultores familiares e empreendedores familiares rurais são os indivíduos que não possuam área maior do que quatro módulos fiscais, a qualquer título; que utilizem mão-de-obra predominantemente da própria família para as atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; e que tenham sua renda familiar prevalentemente oriunda desta atividade e que o negócio seja dirigido por sua família (BRASIL, 2006).

Fagundes (2015) reporta que existiam no Brasil, em 2015, mais de quatro milhões e 300 mil estabelecimentos de agricultura familiar. À época, essa parcela correspondia a aproximadamente 84% de todas as unidades de produção e sete em cada

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

10 empregos gerados no campo. Pelo fato de ser a agricultura familiar exercida em uma área pequena de plantio, ser autossustentável, de produção variada e possuir uma mão de obra própria é o tipo de agricultura que mais se adequa ao padrão orgânico, além de seguir um padrão diferenciado do modelo técnico mais moderno.

A Agricultura Orgânica e Familiar (AOF) “é regida pelo norte da agricultura familiar, acrescentando-se à premissa de uma agricultura orgânica” (PESSOA; ALCHIERI, 2013, p. 338). Desta forma, ao se colocar como um modelo de produção que tem por objetivo a auto sustentação da propriedade agrícola, que preocupa-se com o oferecimento de produtos mais saudáveis, demonstrando também interesse quanto a preservação do ambiente e da estrutura social, a Agricultura Orgânica e Familiar coloca em cheque a repercussão, já bastante negativa, do sistema moderno de produção dos alimentos, se aproximando, assim, da percepção de bem-estar e qualidade de vida (AZEVEDO; SCHMIDT; KARAM, 2011).

### **3 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO RURAL**

À luz do desenvolvimento das novas organizações sociais contemporâneas, observa-se que o tema da Qualidade de Vida – QV – tem recebido bastante atenção de pesquisadores por seus múltiplos significados lançarem mão de inúmeros saberes que daí se constituem. À priori, o referido termo surgiu com o objetivo de tecer críticas sobre as políticas existentes à época, as quais fomentavam o crescimento econômico, ao passo que possuir bem-estar era o mesmo que acumular grandes riquezas. No entanto, essa visão sobre qualidade de vida começou a ser ampliada e a agregar novas percepções. Assim sendo, em 1947, a Organização Mundial de Saúde – OMS – redefiniu saúde como um estado de completo bem-estar biopsicossocial e não meramente a ausência de doença, aproximando os dois conceitos (SCATTOLIN, 2006).

À guisa de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos norte-americano, surgem, nos Estados Unidos, movimentos sociais e iniciativas políticas que iniciam pesquisas sobre o tema com o fito de coletar dados para a formulação de políticas sociais efetivas. Para além de preditores que circundam o próprio sujeito em aspectos biofísicos, outros construtos, que também estão correlacionados à qualidade de vida, começaram a ser considerados como indicadores objetivos de QV, tais como transporte, lazer, educação, trabalho, moradia, condições de saúde e saneamento básico, bem como

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

mortalidade infantil e níveis de poluição. Entretanto, e para além da avaliação de tais indicadores, também se fazia necessário avaliar a qualidade de vida por uma ótica subjetiva para que cada pessoa pudesse fazer seu julgamento sobre ela (SCATTOLIN, 2006).

Por extensão ao contexto salutar sobreposto à totalidade da qualidade de vida, observa-se que diversos instrumentos, em sua maioria europeus e norte-americanos, têm sido desenvolvidos para mensurar a Qualidade de Vida Relacionada à Saúde – QVRS. A partir de então, e considerando a mínima abrangência de caracterizações transculturais destes recursos de investigação, a OMS constituiu um Grupo de Qualidade de Vida – Grupo WHOQOL – com a finalidade de desenvolver instrumentos com uma perspectiva internacional (WHO, 1995).

Dentre a gama de constructos elaborados com a finalidade de avaliar a QV de um determinado grupo, o presente trabalho optou pela utilização de uma versão simplificada do principal instrumento elaborado pelo Grupo WHOQOL: o WHOQOL-Bref Instrument. De acordo com a proposta fornecida por esse instrumento, a QV conceitua-se como “[...] a percepção do indivíduo acerca de sua inserção na vida, nos contextos da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.” (WHO, 1995, p. 28).

Mais especificamente no que tange a aplicação dos constructos de QV nas relações de trabalho – entre trabalho e homem, ambiente de trabalho e homem, e ambiente de trabalho e sociedade –, diz-se da subcategoria Qualidade de Vida no Trabalho – QVT. Esse constructo vem sendo estudado a partir da perspectiva de humanização da atividade (MILHOME; ROWE, 2016), e envolve ações de minimização dos fatores de risco do ambiente – em uma perspectiva ergonômica – e de equilíbrio dos elementos de satisfação do trabalhador.

Durante a etapa de sondagem inicial do campo e revisão da literatura existente a respeito da organização do trabalho rural, observou-se que, dentre os diversos conceitos de QVT existentes, nem todos podem de fato ser aplicados à realidade do trabalho rural. Há uma variedade de conceitos que trazem aspectos que se aplicam mais à realidade do trabalho urbano, dando enfoque à organização, chefia, modelos de gestão,

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

entre outros; elementos estes que fogem à realidade mais informal encontrada na atividade da agricultura de caráter familiar.

Compreende-se que, ao observar a QVT no âmbito da AOF, faz-se fundamental considerar aspectos relacionados à “[...] promoção de valores sociais, aumento da autonomia dos agricultores e uma percepção positiva acerca do estado geral de saúde da família.” (PESSOA; ALCHIERI, 2013, p. 334).

No meio rural, a QV (Qualidade de Vida) se relaciona ao grau de conhecimento dos agricultores de que suas necessidades podem ser supridas através de práticas agroecológicas. Alicerçadas em relações sociais e familiares capazes de promover o resgate cultural e melhorar as condições de vida do trabalhador do campo. Nessa perspectiva, o vínculo que o agricultor constrói com sua atividade laboral e o reconhecimento da sociedade, não lhe relegando a papel secundário no processo produtivo, apresenta-se como um elo importante na promoção da qualidade de vida no contexto da AOF (Ibidem).

Retomando a discussão inicial deste artigo, sinaliza-se a inexistência de testes psicológicos ou demais constructos que contemplem as idiosincrasias da prática da AOF com efetiva função de prover dados referentes à QVT do trabalhador protagonista da presente análise. É sob esse paradigma que se faz a opção pela utilização do WHOQOL-Bref como instrumento de coleta de dados, sublinhando, sempre que possível, as relações entre a vivência subjetiva do agricultor orgânico familiar e o empreendimento de sua força de trabalho, com vistas ao preenchimento da lacuna referente aos dados de QVT dessa população.

#### **4 METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma investigação de caráter exploratório com abordagem qualitativa, cujo objetivo girou em torno de compreender a dinâmica do trabalho rural vinculado à Agricultura Orgânica Familiar e levantar dados acerca da Qualidade de Vida no Trabalho dos atores sociais envolvidos nesta prática. Mais especificamente, o presente recorte delimita como protagonistas os membros de famílias que fizeram parte do processo de reassentamento da Vila Madureira, na Região Metropolitana de São Luís, tendo sido, por essa ocasião, iniciados à prática da AOF no Pólo Agrícola HortCanaã, nas proximidades do reassentamento.

A coleta de dados foi realizada *in locus*, no campo de trabalho dos referidos trabalhadores. Foram abordadas 10 pessoas de oito famílias diferentes. Com base nos critérios de inclusão, fizeram parte da pesquisa os indivíduos que aceitaram fazer parte

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

da mesma, declarando isto por meio de assinatura do TCLE, que possuem mais que 18 anos de idade e que atuam na agricultura. Com base no critério de exclusão, não puderam fazer parte da pesquisa as famílias e indivíduos que não fizeram parte do processo de reassentamento ocorrido no local.

Foram utilizados um questionário autoral constituído com a finalidade de provimento de dados sociodemográficos dos participantes, entrevista semiestruturada com vistas à coleta de informações relativas à organização do trabalho e uma adaptação do WHOQOL-Bref, com vistas a avaliar quatro domínios da Qualidade de Vida dos referidos atores: o físico, o psicológico, as relações sociais e as relações com o meio ambiente de trabalho.

Foram adotadas as normas para pesquisas incluindo seres humanos, estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). Como instrumento de formalização da autorização dos participantes para a realização da pesquisa, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. A realização da pesquisa também passou pela autorização da Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares do Polo Agrícola HortCanaã e pelo Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil, tendo sido aprovado sob parecer nº 3.349.086.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1 Caracterização sociodemográfica**

Dados oriundos do questionário sociodemográfico sinalizam que, entre os participantes da amostra acessada, as idades variam de 25 a 69, com média de 52,7 anos; seis dos pesquisados são do sexo masculino; a maioria é casada e possui filhos, conforme informações da Tabela 1.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa

| <b>Entrevistado</b> | <b>Sexo</b> | <b>Idade</b> | <b>Estado Civil</b> | <b>Escolaridade</b> | <b>Número de filhos</b> | <b>Local em que reside</b> |
|---------------------|-------------|--------------|---------------------|---------------------|-------------------------|----------------------------|
| 1                   | M           | 42           | Casado              | E. F. Completo      | 2                       | Polo                       |

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

|    |   |    |          |                      |    |      |
|----|---|----|----------|----------------------|----|------|
| 2  | M | 68 | Casado   | E. M. Completo       | 9  | Vila |
| 3  | F | 50 | Casado   | E. F. Completo       | 3  | Polo |
| 4  | M | 25 | Solteiro | E. M. Completo       | 0  | Polo |
| 5  | F | 43 | Casado   | E. F.<br>Incompleto  | 5  | Polo |
| 6  | F | 61 | Solteiro | E. S. Completo       | 1  | Vila |
| 7  | M | 55 | Casado   | Sabe<br>ler/escrever | 2  | Polo |
| 8  | F | 47 | Solteiro | E. M. Completo       | 3  | Vila |
| 9  | M | 69 | Casado   | Sabe<br>ler/escrever | 5  | Polo |
| 10 | M | 67 | Casado   | E. F.<br>Incompleto  | 29 | Polo |

Fonte: autoria própria com base nos dados da pesquisa (2019)

Entre as oito famílias entrevistadas, apenas duas possuem filhos que atuam na atividade agrícola; nas demais, há filhos ainda em idade escolar – e por isso não trabalham –, e filhos que possuem família e renda não relacionadas à agricultura. Nota-se que a saída dos filhos de agricultores para atividades na zona urbana é recorrente, e em alguns casos os próprios pais incentivam este movimento para que seus filhos busquem independência e a garantia de uma renda mensal fixa (ESTEVAM; SALVARO; BUSARELLO, 2015), dadas as dificuldades que lhes acometem principalmente no que se refere ao fator financeiro.

Em relação à escolaridade, 50% dos entrevistados possuem Ensino Médio ou Fundamental completo; apesar de dois dos acessados não possuírem escolaridade formal,

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

todos são alfabetizados. A esse respeito, uma das entrevistadas, graduada em História e Educação Física, declarou que

O pessoal pensa que aqui é só analfabeto carente, mas não, eu estudei. Antes de vir para cá eu era professora e tinha muita gente interessada na minha história por isso. No início eu não deixava que me filmassem, mas depois que me aposentei fiquei mais tranquila porque eu fiquei trabalhando só aqui mesmo. Já dei muita entrevista por conta disso, o pessoal queria saber como era ser uma professora agricultora (Entrevistada 6).

Muito é dito sobre a condição de escolaridade dos trabalhadores rurais como sendo, em sua maioria, de baixo nível escolar; muitos, inclusive, em condições de analfabetismo (ALVES; GUIMARÃES, 2012), o que de fato se caracteriza como uma realidade recorrente, apesar de haver exceções, como no caso referido.

Dentre os 10 agricultores entrevistados, sete residem no Polo Agrícola, onde trabalham, e apenas três na Vila Nova Canaã. Note-se que todos receberam, quando da implementação do Programa de Reassentamento, uma casa na Vila – localizada a seis quilômetros do Pólo. Dada a distância e a dificuldade de acesso, especialmente na época chuvosa e em função das condições de conservação das vias públicas, parte dos trabalhadores optou por estabelecer moradia nas dependências do Pólo a fim de facilitar a dinâmica de trabalho, favorecendo o desenvolvimento das atividades e a organização de uma rotina de produção.

## **5.2 Da Qualidade de Vida no Trabalho**

Quando do exame dos discursos acerca da Qualidade de Vida no Trabalho, intermediados pelos questionamentos do WHOQOL-Bref, foram destacadas categorias nucleares, as quais permitem a avaliação da QVT nos quatro domínios de análise propostas pelo instrumento.

### *5.2.1 Domínio Físico*

Uma das categorias observadas quando do presente domínio foi a jornada de trabalho. Como o ambiente laboral desses atores coincide com o ambiente do lar, as jornadas acabam bastante estendidas, embotando a separação entre casa e trabalho. Apenas os três entrevistados que não residem no Pólo sinalizaram conseguir fazer uma separação mais efetiva entre os dois ambientes.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

Dentre os sete entrevistados que residem no Pólo, cinco afirmam trabalhar todos os dias. 80% dos entrevistados trabalham em horário integral, compreendendo manhã e tarde. O tempo de descanso é variado, podendo ocorrer apenas no horário do almoço, mas também, em outros momentos, como nas horas de sol mais intenso.

Apesar da jornada de trabalho bastante intensa, não se pode deixar de destacar que a possibilidade de flexibilizar horários é um aspecto vantajoso, sendo usufruído sempre que sentem necessidade, uma vez que são os donos do próprio negócio, podem administrar e se responsabilizar pelas consequências disso. Segundo estudo realizado por Graf (2016), com jovens que atuam na agricultura, fazer seus próprios horários é uma vantagem destacada por eles, uma vez que pode tornar sua rotina mais dinâmica e possibilitar maior qualidade de vida.

Não é como os trabalhos por aí que você entra 7hs e sai 18hs, não, aqui eu que faço meus horários, eu prefiro começar bem cedo porque quando dá a hora que o sol tá mais quente eu paro, por exemplo, uma hora dessas (10:40h) eu já tô quase saindo, aí volto só mais tarde, quando o sol esfria um pouco (Entrevistado 4)

Apesar disso, alguns dos agricultores como a Entrevistada 3 relatou ser cansativa a rotina mesmo diante da possibilidade de flexibilização de horários, pois o plantio, por vezes, apresenta demandas que precisam ser atendidas com certa urgência: “quando dá o tempo a gente tem que colher, se não é arriscado perder. Quando tem serviço pra fazer, eu faço, até a noite se for preciso, porque as vezes eu vou vender no dia seguinte” (Entrevistada 3). O que confirma a afirmação de Stein e Aosani (2016) quando relatam que o trabalho dos agricultores é regido por agentes imprevisíveis relacionados a tempo, clima, condições da terra, problemas com animais e, por isso, acabam por não ter horários de trabalho bem definidos, dependendo das demandas que precisam ser atendidas.

Outra categoria de análise destacada trata-se do estado de saúde e esforço físico; nesta foram apontados os benefícios que estes trabalhadores obtêm diante de um tipo de manejo isento de venenos. O que pode ser observado através dos seguintes relatos: “Eu arranco daqui e só passo uma água e já tá pronto pra comer. Se a gente usasse veneno eu ia ficar com aquela preocupação, será que pode comer? Será que eu não vou me envenenar?” (Entrevistada 8). “Eu só como do que eu planto, mesmo quando eu vou pra casa dos meus filhos eu levo minhas coisas. Olha, eu nunca mais adoeci, porque me alimento bem” (Entrevistada 6).

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

Pessoa e Alchieri (2013, p. 334) destacam que “a adoção de práticas orgânicas prevê mudanças observadas tanto na qualidade dos alimentos quanto na saúde dos trabalhadores.”

Em relação a problemas de saúde, os entrevistados não relataram doenças que tenham ligação com a prática agrícola de forma direta, apenas desconforto físico como dores na coluna recorrente em 50% da amostra, no entanto, Alves e Guimarães (2012) relatam que em se tratando de saúde e doença para esta categoria de trabalhadores, estar doente, ou ceder ao adoecimento, significa ausentar-se da rotina de trabalho, assim, ouviu-se algumas reclamações sobre as condições de saúde, no entanto consideram-na como suficiente para atender suas necessidades.

Sobre as atividades que exigem maior esforço físico os trabalhadores relataram que as tarefas de roçar, arrancar mato manualmente, e controlar pragas são as mais incômodas. Atividades como fazer covas para plantar, adubar, plantar, fazer muda, e embalar os produtos para a venda foram destacadas como menos cansativas. Alves e Guimarães (2012) trazem que as atividades do contexto rural estão entre as que apresentam maior risco a segurança do trabalhador e à sua saúde por se tratar de um trabalho altamente repetitivo e que exige posturas bastante cansativas.

### *5.3.2 Domínio Psicológico*

Neste domínio destaca-se o prazer e realização no trabalho enquanto categorias de análise; para tal realizou-se a seguinte pergunta: “*Você gosta de realizar a atividade da agricultura?*”, todos os trabalhadores responderam positivamente. Segundo seus relatos, sentem-se bastante realizados com a prática da agricultura. Percebeu-se também uma grande ligação entre tal realização e os benefícios que usufruem com esta prática. Benefícios não em termos financeiros, mas em relação à saúde e ao prazer na realização de suas tarefas, principalmente a atividade de plantar.

Quatro dos entrevistados destacaram o quão prazeroso é ver o fruto de seu trabalho crescer, por isso, além de estar entre as tarefas menos incômodas, citadas por eles, plantar é uma das atividades que mais traz prazer ao trabalho dos agricultores.

Foi realizada uma pergunta aos entrevistados a respeito de qual seria sua escolha de vida caso pudesse passar por um recomeço, principalmente em se tratando da

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

sua profissão atual. Foi feita a seguinte pergunta: *“Se você pudesse começar ‘uma outra vida’, escolheria ser agricultor novamente?”* A maioria dos entrevistados respondeu positivamente mesmo apresentando algumas ressalvas como o desejo por mais recursos para investir em maquinário e funcionários para auxiliar na mão de obra – principalmente entre os mais idosos. Os entrevistados que responderam negativamente destacam como principal fator para tal a baixa remuneração.

Assim, percebe-se que “os agricultores familiares, mesmo com todos os problemas que a agricultura tem de ordem conjuntural e estrutural, têm o maior interesse em continuar na unidade agrícola com seu grupo familiar, produzindo alimentos para o consumo [...]” (SCHNEIDER, 1999, p. 133).

### 5.3.3 Domínio Relações Sociais

Neste domínio o lazer foi destacado enquanto categoria de análise. Sobre este, 80% dos entrevistados relataram que não praticam algum tipo de lazer frequentemente. De maneira geral, citaram viagens, ida à igreja, saída para visitar familiares e propriedades, ida a festas, prática de algum esporte, no entanto, não há regularidade em tais atividades. Admitiram que ocorrem muito raramente. Frequentemente usam o tempo livre para o repouso e para estar com a família, geralmente sem sair de casa.

Estes dados condizem com a menção realizada por Stein e Aosani (2016) quando destacam que na prática do trabalho agrícola familiar os períodos para entretenimento, quando existem. Assim, estes produtores acabam por colocar bastante limites a estes momentos de lazer.

Outra categoria observada foi a das relações interpessoais e institucionais, nela os relatos sobre a convivência com parentes e amigos em sua maioria se deram de maneira positiva. Quando precisam de apoio em um momento de dificuldade, contam com o cônjuge, filhos ou pais. Considerando que alguns membros do contexto familiar caracterizam-se como colegas de trabalho, este dado pode ser considerado bastante favorável. Moscovici (1985) diz que um relacionamento interpessoal harmonioso e prazeroso torna o trabalho mais cooperativo.

Assevera-se que 90% dos agricultores relataram estar vinculados à Associação dos Moradores da Vila Nova Canaã e à Associação dos Produtores Orgânicos,

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

onde por meio delas são sindicalizados. Em algumas conversas informais foi possível ouvir relatos de insatisfação com a administração de recursos por parte da associação, algo que pode gerar comprometimento à confiança e coesão do grupo. Assim percebe-se que apesar de haver um relacionamento interpessoal agradável entre os trabalhadores e seus amigos e familiares, há pouca identificação com os representantes diretos de sua categoria a nível local.

#### *5.3.4 Domínio Meio Ambiente*

##### a) Identificação com o local

A identificação com o local foi destacada também enquanto categoria de análise. Considerando-se que todos os entrevistados encontram-se naquele local por conta do processo de reassentamento, questionou-se sobre como se sentem morando ali, e sobre sentirem falta da antiga moradia na Vila Madureira. Foi unânime a resposta de que gostam do local de trabalho, ou seja, o Polo Agrícola, mas não necessariamente apreciam a Vila:

Gosto daqui porque é tranquilo, lá na vila é mais movimentado, minha casa fica na avenida e os ônibus passam bem na porta, eu não me acostumo com essa zoada, nem conseguia dormir. Prefiro aqui, eu gosto dessa calma, desse silêncio (Entrevistada 3).

Pode-se então atentar à qualidade de vida promovida por esta realidade do ambiente rural e pelo estilo de vida que adotam (PESSOA; ALCHIERE, 2013). Já em relação à antiga moradia e à vida que levavam na Vila Madureira, as respostas foram bastante variadas. Sendo que 50% da amostra diz sentir falta e 50% apresentam-se bastante satisfeitos. As principais pontuações trazidas pelo primeiro grupo diz respeito ao tamanho da moradia recebida, da distância e difícil acesso e ausência de documentação que lhes confere o título de proprietários das terras. O grupo que mostrou-se satisfeito destaca como vantagem as oportunidades oferecidas pela empresa responsável pelo reassentamento e o prazer em morar no campo.

Em relação aos imprevistos no trabalho, também destacados como categoria de análise, ouviu-se principalmente relatos sobre os ataques de pragas – pois não se utilizam de agrotóxicos –, clima, condições da terra e água. Stein e Aosani (2016) falam sobre estes agentes imprevisíveis que acometem o trabalho dos agricultores, como clima, pragas, problemas com a terra e demais dificuldades que enfrentam. Estas variáveis de

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

tempo e animais peçonhentos são, por vezes, incontroláveis e acabam por comprometer o resultado da produção e conseqüentemente a renda obtida.

Por fim, destaca-se a categoria que trata do reconhecimento e remuneração dos agricultores. Os dados revelam que nenhuma das famílias entrevistadas possui na agricultura sua fonte de renda. Encontrar mercado para os produtos e a comercialização propriamente dita aparecem como as principais dificuldades enfrentadas. O Entrevistado 9 contou: “Aqui quando não tem projeto, não dá pra viver não. Aqui tem gente que a gente sabe que passa necessidade, minha filha, que tem dia que não tem o que comer”. O Entrevistado 7 também relatou que: “Dá pra passar, mas é só quando tem projeto, aí chega a uns 2 mil reais, por aí”.

Os projetos de que se referem tratam-se da parceria que o polo estabelece com a Prefeitura no PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), onde fornecem alimentos para 23 escolas, no entanto, estes não acontecem de maneira regular.

Sendo assim a obtenção de renda fica a cargo da comercialização individual precisando assim de atores capazes de exercer uma dupla atividade laboral, além de agricultores precisam ser também vendedores, negociadores. Precisam montar estratégias eficazes para gerar lucros reais o que exige habilidades que nem todos os agricultores possuem. Sendo assim, dois dos entrevistados relataram não mais vender nas feiras, ou seja, plantam apenas para o próprio consumo, o que acaba por comprometer até mesmo a condição destes enquanto empreendedores familiares rurais de fato conforme os requisitos do artigo 3º da Lei 11.326/2006 (BRASIL, 2006).

Um dos motivos que leva os agricultores a sentirem-se desestimulados em relação a comercialização dos produtos trata-se da falta de valorização dos consumidores e a baixa obtenção de lucros. Segundo seus relatos o valor dos produtos fora acordado entre todos os trabalhadores do Polo. Valor este um pouco acima do valor do produto não orgânico. No entanto, quando realizam a venda nas feiras comuns, acabam por reduzir o preço igualando aos demais para que não tenham prejuízos.

Pessoa e Alchieri (2014, p. 431) pontuam que esse sistema de produção, deveria colaborar “para o desenvolvimento rural na medida em que a sociedade/consumidores dá valor ao trabalho dos agricultores, consumindo seus produtos,

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

estimulando-os a estabelecer contatos e a conhecer realidades externas”, no entanto, essa não é a realidade da presente amostra.

## **6 CONCLUSÃO**

Como resultados da pesquisa, destaca-se aspectos que demonstram certo comprometimento à qualidade de vida destes agricultores e aspectos que são favoráveis a este construto. Desta forma por meio das análises realizadas aos dados desta pesquisa, é possível dizer que, dos quatro domínios aqui trabalhados, apenas um deles – o domínio psicológico – apresenta mais elementos que favorecem a qualidade de vida destes agricultores, nos demais domínios, apesar de haver aspectos de relevância positiva, destacam-se mais elementos que se mostram como comprometedores à qualidade de vida da amostra estudada. Há entre estes domínios, fatores essenciais que merecem maior atenção e assistência, seja por meio de Políticas Públicas mais eficazes que visem a compensação justa, que forneçam oportunidades de lazer, infraestrutura, saúde e educação adequadas ou mesmo por uma conscientização que gere mudança de atitude aos que de maneira direta ou indireta se relacionam com a agricultura, seja como consumidores de seus produtos, como pesquisadores e outros, entendendo que a prática da AOF precisa de fato funcionar como promotora de qualidade de vida e percebendo o que pode ser realizado em prol disto.

Pode-se ressaltar também que a criação de Políticas Públicas realmente eficazes e capazes de atingir determinado objetivo, só é possível se realizada com a participação de indivíduos que conheçam as realidades e cenários que precisam ser alcançados, que de fato possuam interesse e instrução sobre o assunto em questão. Do contrário, mais e mais estratégias ilusórias serão criadas e mudança alguma será alcançada. Alves e Guimarães (2012), afirmam que as ações governamentais ainda se mostram ineficientes neste setor e as produções científicas também apresentam maior interesse nas demandas dos setores secundário e terciário, deixando o setor primário em última instância.

Respondendo aos questionamentos iniciais desta pesquisa é possível concluir que os agricultores que atuam no Polo Agrícola Hort Canaã, no município de Paço do Lumiar, possuem uma percepção crítica a respeito de sua prática, reconhecendo as qualidades mas também as melhorias necessárias. Apesar de haver certo senso de

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

conformismo, é possível notar ainda um desejo por mudança. Há por parte dos agricultores, a vontade de obter valorização e divulgação de seu trabalho, pois sentem-se esquecidos e sem visibilidade pela maioria da população.

Reconhecendo e ressaltando mais uma vez que esta categoria de trabalhadores carece de visibilidade – seja por parte de autoridades políticas, seja pela população, seja pela academia – poder contribuir para tal, através do presente trabalho, é motivo de grande satisfação. Espera-se que este sirva como meio de visualização desta categoria, tendo apresentado elementos suficientes para alertar quanto às necessidades relacionadas à Qualidade de Vida de Trabalhadores Rurais, bem como ampliar conhecimentos a respeito da Agricultura Orgânica e Familiar, na perspectiva da QVT e da Psicologia, podendo ser útil para demais pesquisas semelhantes.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elaine de; SCHMIDT, Wilson; KARAM, Karen Folador. Agricultura familiar orgânica e qualidade de vida: um estudo de caso em Santa Rosa de Lima, SC, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 6, n. 3, p. 81-106, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977

BRASIL. Constituição (2006). Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Lei da Agricultura Familiar**. Brasília, DF, Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11326-24-julho-2006-544830-norma-atualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 510/2016 – Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. **Bioética: Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**, 2016.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa; MEIRA, Suzana Gotardo de. Agricultura orgânica: uma proposta de diferenciação entre estabelecimentos rurais. **Campo-território: revista de geografia agrária**, Francisco Beltrão, v. 9, n. 19, p.149-176, out. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/26083/15520>>. Acesso em: 29 out. 2018.

DE SOUSA, Maria José Duarte; CAJÚ, Maria Andreza Duarte; OLIVEIRA, Cícera Patrícia Alves. A importância da produção agrícola orgânica na agricultura familiar. **Id on Line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 10, n. 31, p. 82-100, 2016.

EMBRAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Brasília, DF). **Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira**. 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/documents/10180/9543845/Vis%C3%A3o+2030+-+o+futuro+da+agricultura+brasileira/2a9a0f27-0ead-991a-8cbf-af8e89d62829>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; BUSARELLO, Carla Spillere. Espaços de produção e comercialização da agricultura familiar: as cooperativas descentralizadas do Sul Catarinense. **Interações (campo Grande)**, [s.l.], v. 16, n. 2, p.289-299, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/151870122015205>.

FAGUNDES, Wellington. **Agricultura familiar para dar certo**. 2015. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br/agro/artigos/exibir.asp?id=308&artigo=agricultura-familiar-para-dar-certo>>. Acesso em: 31 out. 2018

GRAF, L. V. **Gestão da propriedade rural**: um estudo sobre a autonomia do jovem na gestão da propriedade rural. Lajeado, 2016.

LEITE, Jáder Ferreira et al. A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In: LEITE, Jáder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda (Org.). **Psicologia e Contextos Rurais**. Natal: Edufrn – Editora da Ufrn, 2013. Cap. 1. p. 27-55

De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA



MESQUITA, Livia Aparecida Pires de; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 11., 2012, Uberlândia. **Anais... .** 2012. p. 1 - 20. Disponível em:

<[http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1104\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1104_1.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2019.

MILHOME, Jaqueline Cavalcante; ROWE, Diva Ester Okazaki. Qualidade de vida no trabalho: análise da produção científica entre 2006 e 2015. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 17, n. 3, 2016.

MOSCOVICI, Felá. **Desenvolvimento Interpessoal**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1985.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Lutas entre culturas no currículo em ação da formação docente. In: **Educação e Realidade**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 137-157, 1996.

PESSOA, Yldry Souza Ramos Queiroz; ALCHIERI, João Carlos. Agricultura Familiar Orgânica: em busca de qualidade de vida no âmbito do desenvolvimento rural mais sustentável. In: LEITE, Jäder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda (Org.). **Psicologia e Contextos Rurais**. Natal: Edufrn – Editora da Ufrn, 2013. Cap. 12. p. 333-355.

PESSOA, Yldry Souza Ramos Queiroz; ALCHIERI, João Carlos. Qualidade de vida em agricultores orgânicos familiares no interior Paraibano. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.330-343, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001095012>.

SCATTOLIN, Fátima Ayres de Araújo. Qualidade de vida: a evolução do conceito e os instrumentos de medida. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocada, v. 8, n. 4, p.1-5, nov. 2006.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 205p., 1999. (Série Estudos Rurais).

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. A Psicologia Social do Trabalho e os trabalhadores das ruralidades. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespagnol; SATO, Leny (Org.). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 127-146.

STEIN, Jaíne; AOSANI, Tânia Regina. A percepção de agricultores familiares sobre o seu fazer no campo e o adoecimento psíquico. **Unoesc & Ciência - ACBS**, Joaçaba, v. 7, n. 1, p.7-14, jan. 2016.

WHO – World Health Organization; The WHOQOL Group. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, nov. 1995. Disponível em:<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/027795369500112K?via%3Dihub>>. Acessos em 22 mai. 2019.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**